

Privatização chega ao sorvete italiano

Para quem imagina que o Brasil foi longe demais no avanço do Estado sobre a economia, é um consolo espiar o que se passa ao redor do mundo. A Itália de Giuliano Amato começa agora um programa sério de privatização. E o faz pelo mesmo motivo que nos aflige: para reduzir o déficit e a dívida pública. O Governo submeteu ao Parlamento a idéia de vender alguns bancos, dentro do plano de arrecadar US\$ 20 bilhões com privatizações.

Quem acha a presença do Banco do Brasil na área financeira muito forte, fica impressionado: o Tesouro italiano controla direta ou indiretamente dois terços do sistema bancário. É dono do Crédito Italiano, Banca Commerciale Italiana, Banca di Roma, entre outros. Mas a presença do Estado na economia italiana chegou a itens jamais imaginados: através da SME, uma superestatal, o Governo produz 35% de todo o sorvete consumido no país. Essa mesma fábrica produz também comida congelada, extrato de tomate, vegetais enlatados, azeite de oliva e leite fresco. Agora está à venda, e é cobiçada pela multinacional suíça Nestlé.

O tardio programa de privatização italiano prova para os afoitos estatistas — todos loucos para dar o atestado de óbito ao liberalismo — que a onda de diminuição do Estado veio para ficar. Mas o vaievém da economia mundial traz lições também para os liberais radicais, seguidores ferrenhos da máxima “Estado bom é Estado morto”. No Chile, que é sempre usado como exemplo de projeto liberal na América Latina, a Codelco, estatal que monopoliza o cobre, é vaca mais sagrada que a nossa Petrobrás. Pedro Calvo, o economista chefe do Partido Democrata Cristão, no poder, propôs recentemente que se discutisse a possibilidade de vender partes da bilionária Codelco. Suas idéias não só não foram aceitas, como ele foi demitido.